

Circo de horrores

DF - Saúde

Aintenção pode ter sido boa, mas o resultado, seguramente, não. Em três semanas de vigência, o programa Reformulação do Modelo de Atenção à Saúde (Rema), com que o GDF pretendeu revolucionar o sistema de saúde pública de Brasília, aumentou sensivelmente os padecimentos do usuário.

Fez com que os que procuram esses serviços — a parcela mais carente da população — se submetam a um cruel vaivém entre postos de saúde e hospitais. O novo sistema estabelece que os pacientes, antes de procurarem os hospitais da rede pública, se encaminhem aos postos ou centros de saúde. Os hospitais, superlotados, passam a atender apenas aos casos mais graves.

A idéia seria até engenhosa se houvesse postos e centros de saúde em número proporcional à demanda e, sobretudo, estivessem à altura da missão que lhes foi dada. Como não estão — ao contrário, são poucos, desequipados e sem mão-de-obra suficiente —, condena-se o paciente a uma *via crucis* absurda, fazendo-o circular por numerosos estabelecimentos de saúde, num descarado jogo de empurra-empurra, sem que consiga atendimento em nenhum deles.

O cenário que se está tornando banal nos hospitais e estabelecimentos de saúde da cidade é digno de um pesadelo kafkiano: o paciente chega a um posto de saúde, quase sempre lotado, onde é recusado e encaminhado por um funcionário a um centro de

saúde, sob alegação de que não há meios de ali ser atendido.

No centro de saúde, ou é devolvido ao posto de origem ou encaminhado a um hospital. Neste, se seu caso não for considerado suficientemente grave — e o critério é subjetivo, varia de médico para médico —, é novamente devolvido ao ponto de partida. Tem-se assim um circo de horrores, armado em plena capital da República. Não bastassem as privações a que essa imensa parcela da população é submetida no dia a dia, tem agora a sobrecarga do novo sistema de saúde pública. É preciso revê-lo — e com a maior urgência.

É inconcebível que o sistema de saúde pública do DF se transforme numa ciranda macabra, que faz dos usuários joguetes nas mãos de funcionários insensíveis e despreparados. Essa estrutura carcomida deforma seus profissionais e os acostuma ao convívio com o hediondo. Nesse universo, a vida humana vale pouco — se é que vale alguma coisa.

Basta ler os depoimentos ontem colhidos pela reportagem do Correio — e publicados na edição de hoje — em diversos hospitais e postos de saúde da cidade. São registros patéticos, que dispensam comentários. Falam por si e impõem um gesto corretivo imediato por parte do Estado.

Não pode a capital da República, que tem o dever de ser exemplo para o restante do país, sediar tal espetáculo de crueldade e indigência moral.